

Johnny vai à guerra ...outra vez?

Por: Maria Clara Bingemer

Talvez os da minha geração se lembrem de um filme impressionante do final dos anos sessenta, quando os Estados Unidos se encontravam mergulhados de cheio na sangrenta guerra do Vietnã. O filme chamava-se *Johnny vai à guerra* (*Johnny got his gun*) e o personagem-título era um jovem “mariner” americano que, lutando no Vietnã, havia perdido membros inferiores e superiores, restando-lhe apenas o tronco e a cabeça.

Médicos, familiares e jornalistas se afanam em torno de Johnny, que não dá sinais de vida e parece mergulhado em coma profundo, sem contato de nenhuma espécie com o mundo exterior. Até que um belo dia Johnny, que parecia um morto vivo e em relação ao qual até se considerava a possibilidade de desligar os aparelhos que o mantinham vivo para que a morte se consumasse começa a bater a cabeça sobre a cama onde se encontrava deitado.

O pedaço humano destroçado por bombas e balas em que se havia transformado Johnny movia a cabeça, que era a única parte do corpo que ainda era capaz de movimento. Aglomeram-se as pessoas em torno a Johnny sobretudo quando começam a perceber que as batidas de sua cabeça têm sempre o mesmo ritmo e se repetem simétrica e repetidamente. Até que alguém finalmente decifra a mensagem desesperada e derradeira que o que a guerra fizera de Johnny quer emitir: em código Morse, aquele tronco encimado por uma cabeça dizia insistente e ininterruptamente: SOS...SOS...SOS...

O pedido de socorro de um personagem símbolo que encarnava o horror de uma guerra absurda e interminável ressoou durante muito tempo e de muitos modos na década de 60 e na seguinte também. Foram muitos filmes, fotos, canções, peças de teatro que estendiam diante dos olhos de todo o Ocidente o “meã culpa” americano que sacrificara toda uma geração de Johnnys e se sentia impotente para responder ao seu desesperado SOS.

Parecia que a lição havia sido aprendida. Que nunca mais íamos ver a juventude de toda uma nação combatendo e massacrando outro povo em nome de algo que já nem se sabia ao certo de que se tratava.

E no entanto, eis que parece que, por mais incrível que pareça, a história vai se repetir. Johnny foi à guerra outra vez, ganhou novo fuzil, desta vez mais potente e letal.. E foi ao Iraque. A guerra que todos disseram que seria rápida continua. E os atentados a bomba que num primeiro momento entraram pelas vidas dos iraquianos agora começam a atingir também os soldados americanos. E as baixas começam a subir de número. E a violência continua a gerar violência.

O mundo assiste impotente e horrorizado, mais uma vez, à tragédia de Johnny que vai sendo dizimado pelo mesmo fuzil que empunhou. As cenas são cada vez mais semelhantes: jovens violadas, meninas perseguidas, explosões que estilhaçam centenas e milhares de corpos humanos. E não será nada para se admirar se dentro em pouco virmos novamente a trágica figura da menina que corria nua queimada pelo napalm, tristemente celebrizada para sempre pela câmara do fotógrafo.

Johnny pede outra vez SOS...mas parece que os senhores da guerra não lhe dão ouvidos. Será possível que seja necessário que Johnny novamente seja reduzido a um pedaço de carne cujo único sinal de vida que resta é uma cabeça que envia mensagens de pedido de socorro em código Morse? Será possível que tenhamos que assistir novamente

ao deprimente espetáculo da guerra que se arrasta por dias, meses e anos levando consigo vidas, esperanças, enfim todo o futuro de uma geração?

Grande e profundo mistério este da liberdade com que Deus nos criou e do respeito que por ela tem. Gostaríamos de vê-lo intervindo magicamente na história para não deixar esta louca humanidade que somos repetir eternamente os mesmos erros. Mas ele simplesmente olha, ama e acompanha...sem interferir. Mas sempre esperando com coração de Pai que aprendamos o que há tanto tempo tenta ensinar-nos. E sobretudo...sempre estando junto a Johnny com seu Espírito de vida. No SOS de Johnny, ontem e hoje, é o próprio Criador que pede socorro, que nos pede desde o fundo de seu amor que não destruamos irremediavelmente a vida que sai de suas amorosas e paternas mãos.